ANTONIO DE OLIVEIRA

da Academia Maranhense de Letras

MARANHÃO SOBRINHO

— Notas Biobibliográficas —

Separata do N.º 82 da

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS

RIO DE JANEIRO

1976

MARANHÃO SOBRINHO

AmM
0729
Ex. 3

MARANHÃO SOBRINHO

Antônio de Oliveira
(Da Academia Maranhense de Letras)

NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS

Não é muito extensa a biografia que se conhece de Maranhão Sobrinho: resume-se nos poucos dados laudatórios constantes da "Antologia da Academia Maranhense de Letras" (S. Luís, 1958) e nos que Mário Martins Meireles consagrou ao poeta no seu útil "Panorama da Literatura Maranhense" (S. Luís 1955).

Seu nome completo, afirmam alguns biógrafos, era José Augusto Américo Olímpio Cavalcante de Albuquerque Maranhão Sobrinho, havendo até quem lhe grafasse — Albuquerques — no plural, o que parece não ter fundamento. Consta que o prenome lhe fora dado em homenagem ao seu tio José.

De qualquer forma, nome quilométrico, o desse poeta, nascido aos 20 de dezembro de 1879 e morto aos 25 de dezembro, dia de Natal, portanto, do ano de 1915.

Referindo-se ao nome evidentemente comprido do autor de "PAPÉIS VELHOS", à moda dos longos apelidos dos antigos nobres portugueses, escreveu o poeta Isaac Ferreira, em seu discurso de posse na cadeira vaga com a morte de Raimundo Lopes (Rev. da Acad. Maranhense, vol. IV, S. Luís, 1948): "Não temos o direito de comprimir o nome de quem o fez assim grande, na extensão como na fama".

As pesquisas, às vezes, nos trazem desilusões. A certeza do dia exato do nascimento do poeta: 20 de dezembro de 1879, e não 25, dia

de Natal, como o supunha talvez o próprio autor de "ESTATUETAS", sinceramente nos desapontou. Acreditávamos até bem pouco, acompanhando o andor (V. "Antologia da Academia Maranhense de Letras", p. 157) que Maranhão Sobrinho, falecido aos 25 de dezembro de 1915, também teria vindo ao mundo (feliz e raríssima coincidência!) num dia de Natal... Noutros artigos, em elaboração, forneceremos novos dados elucidativos da biografia do aedo barracordense.

Talvez procurasse, encompridando o próprio nome, para, depois, com o correr do tempo, reduzí-lo, após algumas experiências onomásticas, homenagear um dos poetas de sua devoção, o artista de "TARDE", cujo nome por inteiro, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, foi por seus contemporâneos indigitado como alexandrino perfeito. Não há dúvida, também, quanto à notória admiração que o poeta de "VITÓRIAS RÉGIAS" alimentava pelo olvidado parnasiano de "A VIA LÁCTEA".

Transparecem, indiscutivelmente, reminiscências de um dos mais conhecidos poemas de Bilac, em seu soneto "As Árvores ("ESTATUETAS", 1909) e republicado, com variantes, em "VITÓRIAS RÉGIAS", Manaus, 1911:

Quando a canção da tarde, de oiro e arminho,
envolve a terra e o céu num só gemido,
as solitárias árvores, baixinho,
conversam como nós... Moças, sentido!

Diz uma que, de beijos, no caminho,
anda um rumor, perpétuo desparzido
ao que outra diz, a rir, quietando um ninho,
que abraços longos, mil, tem surpreendido!

E as aves das agrestes solidões
ouvem tranqüilas tudo e vão bordando
de segredos as sedas das canções...

Sentido! e o brando olhar mais aguçado,
que o que fazeis e murmurais, passando,
moças, sabem-no as árvores, cuidado!

Nasceu Maranhão Sobrinho numa casa modesta da então Praça São José, hoje Praça Maranhão Sobrinho, em Barra do Corda. Irriquieto, brincalhão e levado mesmo da breca, no dizer dos seus contemporâneos, botava pimenta moída no "torrado" do seu professor, Manuel Raimundo Nonato de Miranda. Zeca, após traquinagens, costumava abrigar-se num depósito de algodão, ocultando-se por baixo da pluma, até que alguém o descobrisse... Assim fez quando tentou, com outros gaiatos, botar fogo numa palhoça da Rua Gerôncio Falcão, canto com a Rua Irmã Helena, onde vivia, então, uma pobre velhinha.

Foram seus pais, segundo consta de sua certidão de batismo, Vicente Albuquerque Maranhão e d. Joaquina Olímpio de Arruda. Temos mais duas versões para o nome da genitora do poeta: Joaquina Olímpia de Albuquerque Maranhão e Joaquina Cavalcante Maranhão, esta última fornecida pelo dr. Olímpio Fialho, amigo de Maranhão Sobrinho e residente em São Luís. Era conhecido na intimidade, como vimos, pela alcunha de "Zeca".

Em apontamentos deixados por Fran Paxeco, escritor luso radicado em S. Luís, consta que Vicente e Joaquina eram cearenses que, acossados por uma seca impiedosa do Estado vizinho, buscaram refúgio no próximo e fértil Estado do Maranhão, raramente ~~acossado~~ por prolongadas estiagens.

Conta Olímpio Fialho que um dos desejos do poeta era morrer antes dos quarenta anos de idade. E assim aconteceu. Sua vontade foi satisfeita: faleceu poucos dias depois de completar 36 anos de uma existência atribulada.

Diz o seu venerando informante que o poeta, aos 18 anos, teve uma namorada em Barra do Corda, a jovem Honorina de Miranda, Noca, irmã do seu mestre, professor Raimundo Nonato de Miranda, ambos nascidos em Cururupu, informação discordante da fornecida por um de seus biógrafos, que afirmou ignorar a presença de elemento feminino na vida de Maranhão Sobrinho. Mas nos seus versos adejam, como lindas falenas, as "Sinhás", as "donas Místicas", as "Santas", as "donas dos olhos verdes", as "cheias de graça", as "Sa-

ras", as "Sinhás Dulces", as "Celestes" e tantas outras que surgem veladamente em seus versos harmoniosos...

Iniciou-se o futuro poeta nas primeiras letras frequentando irregularmente, pois era um tanto vadio, o conceituado colégio do dr. Isaac Martins, educador de excepcionais qualidades, ardoroso propagandista republicano e abolicionista, cujos ideais pregava no jornal de sua propriedade, "O NORTE", folha de bastante penetração em toda a zona sertaneja.

Concluiu o autor de "VITÓRIAS RÉGIAS" o primário na escola do Professor Raimundo de Miranda, em sua cidadezinha natal, onde chegou a se distinguir, pela vivacidade e inteligência, como o primeiro aluno.

Adquiridos os conhecimentos elementares, ingressou no comércio local, entregando-se com ardor à leitura de qualquer coisa impressa que lhe caía às mãos, principalmente o "Almanaque Luso-Brasileiro", talvez atraído pelas suas páginas, quase sempre recheiadas de poesias, às vezes necessitando de escoras...

Em 15 de agosto de 1899, com o auxílio paterno e o estímulo do querido tio José, embarcou para São Luís, talvez num daqueles preguiçosos gaiolas, que tornavam o curto percurso numa viagem de circunavegação...

Já em São Luís, matriculou-se, em 1901, com o nome de José Maranhão Sobrinho, na antiga Escola Normal, tendo para isso obtido a ajuda de uma pequena bolsa de estudo, naqueles tempos denominada "pensão". Por motivo de se haver indisposto com alguns professores, em seguida abandonava o curso normal, e, sem emprego, aos poucos entregou-se à vida boêmia, como uma personagem de Murger.

Ao tempo em que frequentava a Escola Normal, conheceu, entre outras personalidades que exerceram alguma influência em sua vida, o escritor e autodidata Antônio Lobo, mestre e amigo da juventude são-luisense.

Residiu, quando estudante, no estabelecimento comercial de Maia, Sobrinhos & Companhia, do qual fora principal figura o rico e progressista lusitano Jacinto Maia. A casa ficava na Rua Formosa canto com a Rua da Cascata, esta mais tarde denominada Rua Jacinto Maia, em homenagem ao famoso comerciante português.

Maranhão Sobrinho, insatisfeito, lançara, certa vez, ao fundo de um poço que ali existia, os originais dos seus primeiros versos, conforme dissera ao seu amigo e confidente Raimundo Nonato Pinheiro, despachante aduaneiro na Alfândega de Manaus, informação mais tarde confirmada pelo ex-deputado estadual Euclides Maranhão, primo do poeta.

No quadro de membros efetivos da "Casa de Antônio Lobo" figura o seu nome como primeiro ocupante da cadeira n.º 19, patronímica de Teófilo Dias, e como patrono da cadeira n.º 21, fundada pelo sábio Raimundo Lopes, que, ao empossar-se, em 1917, pronunciou substancioso estudo sobre o autor de "PAPÉIS VELHOS" (Revista da Academia, 1.º número, S. Luís, 1919).

Ao referir-se à Barra do Corda, onde nascera o autor de "VITÓRIAS RÉGIAS", assim escreveu o jovem autor de "O TORRÃO MARANHENSE" em seu discurso de posse:

"A circunstância do lugar é sugestiva. Na Barra do Corda, atraindo o escol da mocidade sertaneja, manteve Isaac Martins o seu colégio e o seu jornal abolicionista e republicano "O Norte", pioneiro obscuro da imprensa no alto Maranhão. Esses elementos de cultura, modestos, mas eficientes, influiram, é provável, na formação do nosso poeta.

Este haver-se-ia também abeberado na poesia espontânea das bucólicas e rapsódias rudes dos vaqueiros, dos descantes selvagens das violas. A um Vespasiano Ramos, essa inspiração bastaria. A ele, não. Agitava-o talvez a ânsia de novas impressões, mercê das quais o seu espírito viveria uma vida mais alta, num mundo, estranho e inédito, de mistérios..."

Em artiguete da adolescência, amarelecido pela ação do tempo, em estilo tatibitate, mal sabendo o que diziamos e que ainda conservamos apenas por curiosidade, escrevemos: "Afora os três belos volumes de poesias que publicou, Maranhão Sobrinho deixou grande quantidade de inéditos, espalhados não se sabe onde, sendo muito difícil recolhê-los hoje e dar-lhes publicação".

Realmente, se estendessemos nossas pesquisas aos locais mais distantes onde viveu, sempre nômade, o poeta, haveríamos de recolher,

em poder de amigos e de vendeiros, apreciável quantidade de poesias inéditas, cartas e outros autógrafos, espalhados pelo vate barracordense.

Lembra-nos ter visto, há muito anos, em São Luís, em mãos de estranhos, alguns sonetos manuscritos do artista de "Papéis Velhos", encontrados, talvez, em algumas dessas tabernas, farmácias e botequins, frequentados por ele.

Cantando as rosas, num soneto admirável que se torna ainda mais belo nos lábios de nossas gentis conterrâneas, o autor de "ESTATUETAS" foi o jogral das flores, como o caxiense João de Deus do Rego o foi das crianças enfermas e dos bogarís. Assim, encontram-se difundidos largamente em seus versos, de um suave simbolismo, lírios e botões de rosa, cravos e açucenas, violetas, gerâneos e goivos, tão da preferência, estes dois últimos, dos nossos românticos. Talvez ele os fosse buscar em Antônio Nobre, nas páginas doloridas do "SÓ".

Aliás, transcreve o poeta, no ádito de "PAPÉIS VELHOS... roídos pela traça do Símbolo", este verso do amargurado Anto: "Temos bom corpo, irmão, vamos cavar..."

E não seria a palavra — "Símbolo" — inscrita no pórtico do seu livro de estréia, uma discreta profissão de fé simbolista?

Sem nos querer insinuar nos domínios principescos do saudoso Olegário, podemos afirmar que o vate barracordense nutria grande amor aos pequeninos seres alados, principalmente às cigarras.

Graça Aranha, que deixou em "Canaã" formosa página descritiva sobre os pirilampos, inspirada, como já o dissemos em trabalho anterior, em informação que lhe dera mestre Antônio Lopes, escreveu certa vez, creio que em "A VIAGEM MARAVILHOSA", que no Maranhão não havia cigarras...

Elas, porém, existem, todos o sabemos, não só nas florestas e campinas do interior maranhense, mas também nos versos harmoniosos do autor de "Papéis Velhos". E o chiado de nossas cigarras parece mais agradável, o seu canto chega mesmo a ser belíssimo, quando atravessamos as campinas e chapadas do sertão maranhense, o sol, a pino, a doirar o tapete verde dos "taboleiros"...

Andorinhas, borboletas, cegonhas, rolas sertanejas, garças, emas e guarás, asas, enfim, são uma constante nos versos desse enamorado da natureza, que teria sido pintor se não fosse poeta...

Cigarras aparecem logo no terceiro soneto de "Papéis Velhos":

> "As margens do Pei-Ho, verdes, bizarras,
> doiram-se ao sol; das frondes se desata
> a música nervosa das cigarras..."

Jaós, nambus, pequapás, gaturamos, sabiás, rolinhas, "fogo-pagô", tal como nas páginas despretensiosas de "REDENÇÃO", novela autobiográfica que Benedito de Barros Vasconcelos publicou, há vários anos, ocultando-se sob o pseudônimo de "Gil Campesino".

Curioso achado, para os futuros estudiosos da poesia de Maranhão Sobrinho: a repetição, com ligeira variante, do verso — "nas almas virginais das borboletas", — "nas asas virginais das borboletas", dos sonetos "Morte do Lírio" e "Regresso de Maio".

O autor de "Estatuetas" não foi somente o poeta das rosas, mas, também, o de todas as flores. Rosas, que talvez ninguém cantou tão bem como ele, neste curioso e sempre lembrado soneto:

ROSAS, ROSAS, ROSAS...

Rosas no céu, rosas nas cercas, rosas
nos teus ombros e rosas no teu rosto,
rosas em tudo, e há chagas veludosas
de rosas cor de rosa no sol-posto...

Florescem rosas de ais, maravilhosas
nas róseas fontes, rosas no recosto
dos róseos montes se debruçam! Rosas
em Abril, em Maio, em Junho, em Julho e em Agosto!

Se há noivados, há rosas nas redomas
dos altares e há rosas invisíveis
difundindo, no azul, róseos aromas!

Se morre um anjo, às brancas nebulosas,
leva, entre as mãos de rosas marcessíveis,
rosas, fechado num caixão de rosas...

Em 1903, impressionados com a vida boêmia que levava em S. Luís, alguns amigos mais dedicados o embarcaram, quase à força, para Belém do Pará, na esperança de que ali mudasse de procedimento e, trabalhando, arranjasse meios de publicar os seus livros.

Na capital paraense, colocou-se no jornal "Notícias" e passou a colaborar na tradicional "Folha do Norte" e em outros periódicos guajarinos. Bem depressa tornou-se popular nas rodas boêmias e nos meios intelectuais.

Mas a saudade de São Luís, onde deixara os melhores amigos, passara a acabrunhá-lo, inspirando-lhe, nessa oportunidade, entre outros, talvez esse antológico "Evocações":

Saudade! O sol a se esconder. O gado
descendo a serra, longe, entre mugidos
tristes e a voz do córrego anilado
enchendo a tarde branca de gemidos!

Saudade! Eu pequenino. O olhar sagrado
de minha irmã contando aos meus ouvidos
a história de algum Rei Moiro encantado
à voz das rolas dos sertões perdidos...

O velho alpendre à mansa claridade
do luar, como em sonho, despontando
entre as saudosas árvores! Saudade...

A mãe-da-lua as queixas desfiando
e minha mãe, branquinha, de piedade,
diante do altar do Bom-Jesus rezando.

Uma nuvem passageira andou tentando ofuscar o brilho desses versos. Foi sua relativa semelhança com outros, da autoria do vate piauiense Da Costa e Silva, que por algum tempo residiu em S. Luís do Maranhão. Alguns críticos menos avisados procuraram, embora infundadamente, bisbilhotar um *pastiche,* onde apenas teria havido mera coincidência ou aproximação, não sendo esse o primeiro caso a registrar-se. Trata-se do igualmente formoso soneto "Saudade", que dizem ter sido composto pelo autor de "Zodíaco" mais ou menos à mesma época.

Pertencem, provavelmente, a esse período de nostalgia os sonetos "No Vale Amazônico" e "Terra do Coração", em que o poeta, à

maneira do imortal épico lusitano, canta as agruras do seu imaginário "desterro".

Um dia, quase sem se despedir dos seus novos amigos, tomou um navio e regressou a São Luís, ansioso por rever os azulejos coloridos dos sobrados de mirantes da cidade querida e as fisionomias acolhedoras dos seus antigos companheiros de alegres noitadas. Não tardou muito que esses bons amigos, tendo à frente o dr. Luís Carvalho, tomassem a iniciativa de reunir pacientemente as suas produções esparsas e publicaram-lhe o esperado livro de estréia, "PAPÉIS VELHOS" (S. Luís, Tipografia do Frias, 1908).

No ano seguinte, 1909, impresso na Tipografia de Ramos d'Almeida e Cia., Sucessores, cujo sócio principal era o dr. Manoel Jansen Ferreira, saiu o seu segundo volume de poesias, "ESTATUETAS", de 171 páginas, pelo qual o poeta nada deve ter desembolsado, pois vivia sempre sem vintém.

Com esse livro, o popular e bondoso dr. Maneco Jansen tencionava equilibrar as finanças do aedo barracordense, milagre, aliás, que nem o padroeiro São José de Ribamar conseguiria...

Fundador da "Oficina dos Novos", instalada em 28 de julho de 1900, sob o patrocínio de Gonçalves Dias e "destinada — como escreveu Antônio Lobo — a congregar todos os jovens espíritos maranhenses inclinados ao cultivo das letras". Ficou assim constituída a sua primeira diretoria: presidente, Francisco Serra; vice-presidente, Luís Carvalho; secretário-geral, Astolfo Marques; tesoureiro, Monteiro de Sousa; 1.º secretário, Agostinho Reis e 2.º secretário e bibliotecário, Maranhão Sobrinho. A "Oficina", "tenda fulva do Sonho", como lhe chamou Viriato Corrêa, na dedicatória do seu livro de estréia "Minaretes" (S. Luís, 1902), teve como órgão oficial um "Boletim" literário, do qual foram publicados alguns números.

Instituiu a "Oficina dos Novos" a peregrinação anual à estátua de Gonçalves Dias, na praça deste nome, no dia 3 de novembro, data do naufrágio do "Ville de Boulogne", em que pereceu o Cantor de "Os Timbiras". Instituiu auxílio financeiro a essa romaria o professor Joaquim Alfredo Fernandes.

Tomou ainda a Oficina dos Novos a iniciativa da erecção, em praça pública, do busto de Manoel Odorico Mendes, "o glorioso patriarca de nossas letras e de nossa política", no dizer do autor de

"Pela Rama"* Publicou a importante agremiação literária, entre outros, os seguintes livros: "MINARETES", contos de Viriato Corrêa; "A VIDA MARANHENSE", contos, Astolfo Marques (S. Luís, 1905); "PÂMPANOS", sonetos, Antônio da Costa Gomes (S. Luís, 1904).

Maranhão Sobrinho colaborou em jornais e outras publicações de S. Luís e de vários Estados, incluindo-se entre estas a "REVISTA DO NORTE", de Antônio Lobo e Alfredo Teixeira.

Deixou grande quantidade de inéditos em mãos de amigos e de estranhos sem contar os que improvisava nas mesas e nos balcões de cafés, mercearias, botequins, quitandas, farmácias e drogarias, como as do seu amigo Bernardo Caldas e de outros, que frequentava e onde fazia "ponto".

Raimundo Lopes fala-nos, confidencialmente, da vida de cigano de Maranhão Sobrinho, o Villon barracordense, que em suas constantes peregrinações andou espargindo corais e pérolas pelos balcões e mesas dos cafés e pelas redações dos jornais de São Luís, de Belém e de Manaus.

"Uma imaginação prodigiosa de colorista mágico — escreveu o sábio etnógrafo — era a qualidade mais sensível do seu talento. Levava-o ela a buscar, à maneira dos parnasianos, reviver os países exóticos e as velhas civilizações. Era a revelação, no poeta, do estudioso, que o era, a seu modo, intenso e desordenado, de andar metido em Maspero, e outros orientalistas, à procura das emoções imprevistas da vida antiga, egípcia ou babilônica".

Sempre a navegar em ondas que certamente não eram as do seu formoso soneto, desiludido de obter emprego em seu Estado natal, pois ninguém levava a sério um boêmio, além do mais com a fama de poeta... Maranhão Sobrinho, um dia, inesperadamente, outra vez embarcou para Belém, deixando para trás a linda Baía de São Marcos e o seu velho farol, pestanejando, ao longe, como o dos quatorze versos de Lucano dos Reis...

Voltando ao elemento feminino na vida de Maranhão Sobrinho, não nos lembramos de ter ouvido falar de uma paixão desse poeta que tantas vezes evoca, em suas poesias, como vimos, os nomes de lin-

---

(*) O "desterrado, nobre, esquecido" Odorico, do poema de Sousândrade.

das mulheres, como Beatriz, Sara, Celeste, Santa e outros, sem falar naquela que lhe inspirou esses "Olhos Verdes"... "onde florecem / as frondes jaldes do meu verso estranhas, / aos desolados olhos meus parecem / duas verdes Helvécias sem montanhas..."

Ao suceder ao autor de "O Torrão Maranhense" na cadeira fundada pelo nosso poeta, escreveu, bem informado, Isaac Ferreira: "É cedo demais para se devassar a vida íntima de Maranhão Sobrinho. Vivia ainda, na velha cidade que ele muito quis, quem lhe guarda, como relíquias preciosas, cartas de amor e versos apaixonados..."

Não seria essa a moça de quem nos fala o dr. Olímpio Fialho, a cururupuense Noca, irmã do professor Raimundo Nonato de Miranda?

O autor de "PAPÉIS VELHOS", segundo nos informou, um dia, Raul Pereira, na Faculdade de Direito, onde trabalhamos e estudamos, há muitos anos, era um tanto fanhoso: articulava as palavras nazalizando-as. Não obstante o leve defeito, contou-nos, mais tarde, Antônio Lopes, recitava, com perfeição, os poetas franceses, principalmente La Fontaine, cujas fábulas mais apreciadas sabia de cór.

Outro amigo da juventude do poeta, o venerando dr. Olímpio Fialho, também nos informou acerca dessa anomalia vocal de Maranhão Sobrinho, falha, aliás, que não chegava a ser notada, quando improvisava os seus belos discursos ou dizia, com muita alma, os versos de sua preferência.

O mesmo Raul Pereira, advogado paraibano radicado em São Luís e que fora amigo do poeta, contava a seu respeito algumas anedotas engraçadíssimas. Outro que com ele conviveu, no Maranhão e no Pará, foi o respeitável e quase centenário desembargador Alfredo de Assis Castro, há muitos anos radicado no Rio de Janeiro.

Antônio Lobo, que lhe delineou o perfil nas páginas de "OS NOVOS ATENIENSES", escreveu: "Maranhão Sobrinho ressuscita entre nós o tipo clássico do boêmio, à velha moda de Murger ou de Bocage. Possui, pelas coisas materiais da vida, a mais soberba das indiferenças. Desde que encontre, ao saltar da cama, a sua fatiota costumeira e o seu indefectível chapéu de palha, este último não para o o trazer à cabeça, como toda gente, mas, ao contrário dos outros, para o carregar debaixo do braço, à guiza de um embrulho precioso, reputa-se o mais feliz dos homens".

Mallarmé, cuja obra poética os Irmãos Campos acabam de traduzir, nela prestando a homenagem dum poema e duma transcrição ao nosso Maranhão Sobrinho, era um dos poetas prediletos do autor de "PAPÉIS VELHOS". Fala-nos dessa admiração o cronista de "PELA RAMA": "Não tem escola definida, porque as pratica todas com brilho superior. É romântico, é parnasiano e é simbolista, ao sabor da inspiração do momento. Proclama, todavia, como o seu mestre supremo e o seu inspirador máximo, o poeta do *"Après-midi d'un faune"*, "o divino Estefânio", como lhe chama".

Augusto de Campos transcreve, nesse livro ora publicado pela Editora Perspectiva, em convênio com a Universidade de São Paulo, o soneto

INTERLUNAR

Entre nuvens cruéis de púrpura e gerânio,
rubro como, de sangue, um hoplita messênio,
o sol, vencido, desde o planalto de urânio
do ocaso, na mudez de um recolhido essênio...

Veloz como um corcel, voando num mito hircânio,
tremente, esvai-se a luz no leve oxigênio
da tarde, que me evoca os olhos de Estefânio
Mallarmé, sob a unção da tristeza e do gênio!

O ônix das sombras cresce ao trágico declínio
do dia que, a lembrar piratas do Mar Jônio,
põe, no ocaso, clarões vermelhos de assassínio...

Vem a noite e, lembrando os Montes do Infortúnio,
vara o estranho solar da Morte e do Demônio
com as torres medievais as sombras do Interlúnio...

O dr. Olímpio Fialho, amigo de infância do poeta de "Papéis Velhos", vive em São Luís, quase nonagenário. Segundo contou a um amigo comum, Maranhão começou muito cedo a publicar os seus versos em o "Campeão", compondo-os ele mesmo na tipografia desse jornalzinho, fundado pelo irmão mais velho do dr. Olímpio,

José Fialho. Era para rebater os ataques desfechados por "O Norte", de propriedade do abolicionista e republicano dr. Isaac Martins, contra a Monarquia, cujo partido, o Federalista, era chefiado em Barra do Corda por Fortunato Fialho, pai do nosso venerando colaborador.

Informações que nos foram gentilmente prestadas pelo dr. Olímpio Fialho, através do nosso comum amigo Raimundo Guimarães, morador em São Luís. Pais de Maranhão Sobrinho: Vicente de Albuquerque Maranhão e Joaquina Cavalcante Maranhão. Irmãos do poeta, por ordem de nascimento: Maria (Mariquinha); Cosma; José Leonil, comerciante, pai do Padre Hélio Maranhão, vigário de Tutoia; Raimundo, que tomou parte na repressão ao massacre de Alto Alegre, em 1895, quando, ferido por um balaço dos índios, foi operado pelo médico inglês dr. James; Cândida (Candu) morta ao tentar socorrer o namorado, Martinho Vieira, picado mortalmente por uma cascavel; Laureano, casado com uma jovem da família Soares; Manuel (Maneco), da idade do dr. Olímpio Fialho; Jovino (conhecido por Vita); Aderson, falecido com pouco mais de 2 anos, vítima do incêndio de uma vasilha de água-raz, quando ajudava a preparar chumaço para um balão, em noite de São João; Mariquinha, a mais velha dos irmãos do Poeta, também perdeu dois filhos em trágicos acidentes: um afogado no Rio Corda e o outro morto com veneno para matar rato. Maria de Lourdes (a caçula), casada com um baiano e nascida em 1893, da mesma idade que d. Alderina Fialho, última irmã ainda viva, do dr. Olímpio Fialho, viúva do sr. Gerson da Costa Nunes, irmão da mãe do dr. Oswaldo da Costa Nunes Freire, atual Governador do Maranhão. Segundo o dr. Olímpio Fialho, o nome todo do Poeta, terceiro filho do casal, era este: JOSÉ AMÉRICO CAVALCANTE AUGUSTO DOS ALBUQUERQUE MARANHÃO SOBRINHO.

Maranhão Sobrinho veio à luz em pequena casa de taipa, em Barra do Corda, aos 20 de dezembro de 1879 (até o Poeta, repetimos, também acreditava ter nascido num dia de Natal!) e faleceu na madrugada do dia 25 de dezembro de 1915, "numa casa humilde" do arrabalde da Cachoeirinha, na cidade de Manaus.

"O caixão em que se vai reduzir a nada o corpo daquele que possuiu um formoso espírito foi oferecido pelo sr. Almir Neves, sócio

Prelázia de S. José de Grajaú
Maranhao - Brasil

CERTIDÃO DE BATISMO

PAROQUIA DE BARRA DO CORDA.

Certifico que no livro de Batizados n.4 encontra-se:

" Aos oito de janeiro de mil oito centos e oitenta nesta Matriz batizei solenemente e pus os santos oleos a José, branco, filho legitimo de Vicente Albuquerque Maranhão e Joaquina Olimpio de Arruda, nasceu a vinte de Dezembro de mil oito centos setenta e nove. Padr.os Candido Fran.co Chavier Maia e Marcelina Fidelarina de Mendonça Maia. E para constar fiz o pres.e.

O vigario José An.io Cav.te.

Barra do Corda 7 de julho 1975

Ass. frei João Franco Frambi

frei João Franco Frambi, vigario cooperador.

PAROQUIA DE SANTA CRUZ · Barra do Corda — Maranhão ·

da firma Neves & Corrêa, de nossa praça, e as coroas que o rodearam naquela hora de última homenagem tinham os seguintes dizeres: "A Maranhão Sobrinho, a Associação de Imprensa"; "Saudades dos seus Companheiros do *"Diário Oficial"* e "A Maranhão Sobrinho, Homenagem da Imprensa Maranhense", escreveu um dos jornais amazonenses que lhe noticiaram a morte.

Foi inumado no Cemitério de S. João, na Capital amazonense, na tarde de 25 de dezembro de 1915.

SONETOS

Maranhão Sobrinho

O MAR

Ouve! O mar, escarpando as rochas, na agonia
do sol, parece ter na voz o humano acento
de dor! Reza, talvez. Vai recolher-se. O dia
se ajoelha e a tarde, em sonho, abraça o firmamento!

Como nós, pode ser que a tristeza e a alegria
o mar sinta, também: precisa, em movimento,
trazer um coração... Quem sabe o que irradia,
no seu íntimo, em doce e azul recolhimento!

Escuta! Uma onda vem beijar-te os pés. Não há de
calma os seios rasgar sobre os basaltos. Quérulas
as ondas todas são. Ouve-lhe a voz. Piedade!

O mar leva-me a crer que tem paixões mortais
em que rolam, brilhando, as lágrimas das pérolas
e palpita, fervendo, o sangue dos corais...

SOROR TERESA

... E um dia as monjas foram dar com ela
morta, da cor de um sonho de noivado,
no silencio cristão da estreita cela,
lábios nos lábios de um Crucificado...

Somente a luz de uma piedosa vela
ungia, como um óleo derramado,
o aposento tristíssimo de aquela
que morrera num sonho, sem pecado...

Todo o mosteiro encheu-se de tristeza,
e ninguém soube de que dor escrava
morrera a divinal soror Teresa...

Não creio que, do amor, a morte venha,
mas, sei que a vida da soror boiava
dentro dos olhos do Senhor da Penha...

DONA MÍSTICA

Quando a morte velar os meus olhos e as minhas
mãos tremerem nas mãos, que me estendes, nervosas,
seja o meu beijo, ó flor, o último! nas rosas
do teu rosto! Sonhei que à minha morte vinhas...

Hei de, em ânsias cruéis, cingir-te e, com as chorosas
crenças nalma a emigrar com asas de andorinhas,
dizer-te o meu adeus, o último! nas vinhas
ouvindo o soluçar das rolas amorosas!

E se dos olhos teus, no sagrado transporte,
na agonia, rolar uma lágrima viva,
então verei o céu antes de ver a morte!

Santa, a sombra já vem, nos olhos tenho-a aberta!
e uma alma que viveu de uma outra alma cativa,
nem nas nuvens do céu pode viver liberta!

VENUS

Quando o seu corpo à flor das ondas veio
guirlandado de espumas e sargaços,
de seduções a vaga encheu-lhe o seio
e, de traições, a sirte encheu-lhe os braços...

Por todo o mar houve um supremo anseio,
quase humano de beijos e de abraços...
O sol, de luz e de calor mais cheio,
vibrou mais alto, nos azuis espaços!

Algas e espumas, sem querer, teceram,
juntas, um berço de ideal cambraia
e o seu corpo de aurora receberam!

... Nunca o mar vira tão celeste flor...
Quando o seu corpo foi beijar a praia
a própria rocha estremeceu de amor!

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM

CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA